

# AS QUINTAS COMO PATRIMÔNIO CULTURAL NA REGIÃO DEMARCADA DO DOURO

**BRAMBILLA**, Adriana

**BRAMBILLA**, Luciana

**VANZELLA**, Elídio

**O** turismo demanda uma análise profunda em todas as complexidades que o envolvem e, por isso, considera-se imprescindível entender o modo como o turismo e a cultura se articulam, pois, como analisa Pérez (2009,6), “é muito difícil, explicar a cultura como processo sem ter em atenção o turismo, assim como os contatos culturais que o mesmo origina”, o que implica entender que o respeito à diversidade cultural é fundamental para o desenvolvimento dessa atividade.

A cultura é um dos principais fatores de viagem e o segmento turístico em que predomina o interesse cultural é denominado de turismo cultural, que pode abranger atividades desenvolvidas pelo turista como: visitas aos museus e monumentos históricos, participação em festas populares e festivais folclóricos, visitas aos locais onde se possam saborear comidas típicas e onde seja possível entrar em contato com a produção de bebidas típicas. Assim, dentre essas atividades pertencentes ao turismo cultural, o foco desse estudo está ligado ao turismo do vinho, o enoturismo.

As atividades turísticas ligadas à produção do vinho constituem-se hoje para muitos países alternativas para o desenvolvimento regional, como é o caso de Portugal, um país representante do Velho Mundo, que, quando alia sua grande tradição vinícola ao turismo, cria uma oportunidade ímpar de crescimento, promovendo prosperidade com a geração de benefícios socioeconômicos.

Ao propor um diálogo entre a cultura e o turismo, o presente estudo tem o intuito de analisar a relação entre a cultura local, ligada à produção do vinho, e o desenvolvimento do enoturismo nas Quintas da Região Demarcada do Douro (RDD). A escolha dessas Quintas como objeto de estudo justifica-se pelo fato dessas propriedades serem as protagonistas na história de uma região vinícola reconhecida mundialmente.

Entre as diversas regiões vinícolas do país, a Região Demarcada do Douro se destaca pela sua tradição no cultivo da vinha, na produção do Vinho do Porto, por ser mundialmente conhecida pelo fato de ter sido a primeira região demarcada do mundo e pelas características socioculturais que a fizeram ser considerada patrimônio da humanidade pela UNESCO (*United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization*). Nesta região, o vinho pode ser considerado como fator de fixação e identidade nacional desde os primórdios da Região do Douro. O vinho faz parte da alma do Douro, é um bem que lhe pertence, é a sua cultura (RODRIGUES e PÉREZ, 1998). Neste sentido, partindo do pressuposto de que a Região Demarcada do Douro, por sua cultura do vinho, pode ser considerada uma prática de

excelência internacional que servirá de referência a muitas regiões vinícolas, buscamos responder à questão central: como o enoturismo desenvolvido nas Quintas da Região Demarcada do Douro se relaciona com a cultura local?

As Quintas exercem um domínio muito grande sobre a Região do Douro e sua atuação não se restringe ao vinho, pois essas propriedades estão impregnadas da cultura duriense. Elas são parte fundamental da identidade local e estudar as Quintas meramente como estabelecimentos onde ocorre a vitivinicultura pode gerar uma visão reducionista e totalmente incompleta. Por isso, a preocupação que se coloca nesse estudo é a discussão do enoturismo como uma atividade turística que traz benefícios econômicos, mas que, ao mesmo tempo, deve respeitar e incentivar a preservação do patrimônio cultural material e imaterial. Nesse sentido, este estudo tem como objetivo analisar a articulação entre o turismo e a cultura, na Região Demarcada do Douro, com enfoque sobre o papel das Quintas na compreensão do fenômeno do enoturismo que ocorre no território duriense.

### **Vinho, turismo e cultura**

O vinho desperta o interesse de pessoas dos mais diversos países, com as mais diversas ocupações profissionais, e tem lugar de destaque nas culturas contemporâneas, em especial na literatura. O vinho se diferencia das demais bebidas e se destaca, pois é o único que tem despertado tantas reflexões em diversos momentos da história da civilização, a exemplo dos gregos da Antiguidade que honraram seus

heróis e veneraram seus deuses, em torno do vinho (CAUBRIÈRE e GÓMEZ, 2010).

O vinho é o protagonista da dinâmica do enoturismo e, segundo Asero e Patti (2009), representa um valor econômico e cultural como parte do patrimônio de um local. Pivot (2007) considera que o vinho tem uma dimensão cultural, que abrange não só a cultura da vinha, como também do espírito, uma vez que, o vinho está na memória mítica e alimentar do ser humano. Neste contexto, o vinho adquire uma dimensão que ultrapassa os aspectos econômicos, revelando uma configuração central na história humana (PIVOT, 2007).

Ao se associar o interesse da sociedade pelo vinho com a vontade de viajar, conhecer outros locais e ter contato com outras culturas, o turismo exerce um papel de grande interesse nas regiões que se dedicam ao cultivo da vinha e à produção do vinho. A esse segmento turístico dá-se o nome de enoturismo que se encontra, evidentemente, relacionado com os processos de produção e comercialização do vinho, englobando o cultivo das uvas, a sua produção e, claro, a degustação, mas enxergá-lo apenas sob essa óptica seria um equívoco. Desta forma, o enoturismo, ou turismo do vinho, pode ser entendido como uma atividade turística marcada pelo encontro das tradições com a modernidade no que se refere principalmente às tecnologias adotadas para a vitivinicultura.

Por isso, tem-se o entendimento que o enoturismo não pode ser discutido apenas sob o enfoque mercadológico, uma vez que suas especificidades e o interesse despertado por este tipo de turismo advêm da sua ligação com a cultura do vinho, do interesse dos visitantes pelo

patrimônio das regiões vinícolas, pelas tradições locais e pela forma de viver das pessoas dessas regiões. Sugerimos que deve haver uma mudança de foco nas definições, que se concentram exclusivamente nas questões mercadológicas do enoturismo, para uma compreensão da vitivinicultura ligada aos valores culturais, como orientam Williams e Kelly (2001) que veem o enoturismo como a procura dos enoturistas por vivências autênticas, próximas da cultura local do destino visitado. Para os autores, o surgimento e o crescimento do enoturismo está diretamente relacionado com a valorização das tradições e das memórias coletivas tão características da sociedade atual.

Segundo Inácio e Cavaco (2010), o surgimento do enoturismo ocorreu após a Segunda Guerra Mundial, mas somente nos anos 1990 é que se tornou conhecido com essa denominação, a partir do Movimento de Turismo do Vinho na Itália, em 1993, na qual os produtores de vinho recebiam os visitantes para conhecerem as suas propriedades e degustarem seus vinhos.

Um dos aspectos relevantes do turismo do vinho é o interesse pelo contato direto com os produtores. A presença destes durante a visita é um diferencial na atividade. Percebe-se ainda, o interesse dos visitantes pela história dos trabalhadores e moradores locais, por conhecer os seus contextos socioculturais e a forma de viver de seus antepassados.

Embora venham ocorrendo diversas transformações na vitivinicultura, muitas tradições têm sido mantidas ou resgatadas em prol do turismo, a exemplo das festas das vindimas que sofreram

modificações naturais do decorrer do tempo e que poderiam ser até mesmo esquecidas se não fosse o interesse despertado pelo enoturismo.

Assim, o planejamento da atividade turística do vinho não deve apenas considerar a criação e expansão da demanda pelos produtos do turismo do vinho, mas também, preservar e promover as características culturais como forma de garantir a continuidade da atividade. Isso implica que os responsáveis pela atividade devem considerar em primeiro lugar a questão cultural.

Sendo assim, entendemos o enoturismo como um nicho do turismo cultural, que pode acontecer em área urbana ou rural, mas que está ligado às tradições, aos legados dos ancestrais de uma determinada região. Destaca-se também que mesmo podendo ocorrer em áreas urbanas, prevalece no enoturismo a ideia camponesa, o imaginário relacionado ao campo. O protagonista, ou seja, a razão principal do enoturismo, que é o vinho, tem sua origem na ruralidade, e, portanto, está sempre ligado à vida rural.

### **As Quintas de enoturismo na Região Demarcada do Douro**

A atividade vinícola quando associada ao turismo traz importantes contribuições para o crescimento sócioeconômico: o vinho motiva os turistas a interessarem-se pela história local, estimulando o interesse na preservação do patrimônio cultural das regiões visitadas (GETZ, 2000). Neste contexto, temos Portugal, um país ligado à tradição vitivinícola, em que a história do país está intrinsecamente ligada ao vinho.

Entre as várias regiões vinícolas portuguesas, temos a Região Demarcada do Douro, conhecida mundialmente pela produção do Vinho do Porto e por ser patrimônio da humanidade. Com base nos documentários de Barreto e Pontes (2010) e de Botelho (2003) fica evidenciado que tudo no Douro está ligado ao vinho: as memórias, os costumes, a sobrevivência. No intuito de estudar a cultura associada à produção vinícola e a sua importância relacionada ao turismo na Região do Douro, é fundamental compreender o papel do vinho na afirmação da identidade cultural, pois este faz parte da história, da religião e da alimentação local. Mas, esse desenvolvimento turístico só poderá existir e perpetuar, se essa valorização for internalizada, pois não há território sem algum tipo de identificação e valorização simbólica do espaço pelos seus habitantes (HAESBAERT, 2004), então se a valorização for uma imposição externa, de forma instrumental, com o único intuito de atrair receitas, não se sustentará. Para que seja sustentada a diferenciação dos produtos tem de estar diretamente ligada ao modo de vida local, que no caso do vinho deve integrar a natureza e a cultura locais.

Assim, reforça-se o interesse do presente estudo, ao centrar-se nas Quintas de enoturismo, como locais onde se desenvolve a agricultura, e ao mesmo tempo, se desenvolvem serviços para atender aos visitantes, desempenhando um papel importante quando preservam e respeitam os valores e as histórias regionais. As Quintas da Região Demarcada do Douro podem ser definidas como propriedades de grande potencial turístico, representativas da identidade vitivinícola duriense, com produção e/ou comercialização de vinhos e voltadas a

prestar serviços turísticos representativos da identidade histórico-cultural e paisagística da Região do Douro (Plano de Desenvolvimento Turístico do Vale do Douro- PDTVD, 2007-2013).

Para entender a Região Demarcada do Douro, é imperativo observar as suas Quintas, essa forma de ocupação da área rural que marca a paisagem, em grande parte, preenchendo os espaços vazios entre as aldeias (Pereira, 2002). Mesmo com as mudanças nos processos, trazidas pela tecnologia, desde o cultivo da uva até a produção do vinho, muitas Quintas da região mantêm certas tradições, como o corte das uvas manual, a pisa, a vindima e as festas, muitas vezes, realizadas nos lagares antigos, o que constitui um forte apelo às viagens enoturísticas ao Douro.

O surgimento do termo Quinta pode remeter à Idade Média, quando as terras eram entregues pela Coroa aos agricultores a troco de uma renda ou de um tributo de um quinto da sua produção (PINHO, 2012). De acordo com Ferreira (1999) os termos quintana e quinta, assim como casais, eram subunidades agrícolas formadas dentro das vilas, compostas pelas habitações dos proprietários ou cultivadores, por pomares, pelas terras lavradas, por soutos, pelas vinhas, entre outros. O vocábulo quinta procede do português arcaico quintã que, juntamente com outras formas de propriedade, como o casal, derivou da desagregação da vila romana (FERREIRA, 1999). A autora explica que uma hipótese proposta por Sampaio em 1976, aponta para que o vocábulo quinta possa proceder da divisão romana em *Cardo/Decumanus*, sendo esta a quinta parcela. Este tipo de divisão



pode ter sido aplicado à *villa* resultando a quinta de uma forma de agrimensura agrária (FERREIRA, 1999).

Até o século XVIII grande parte das Quintas do Douro eram propriedades das ordens monásticas arrendadas aos cultivadores, com predomínio dos Mosteiros de São João de Tarouca e de Santa Maria de Salzedas, na Região Demarcada do Douro (PINHO, 2012). Durante a Época Moderna, o termo quinta generalizou-se passando a existir mais unidades independentes, adquiridas pela pequena nobreza ou pela burguesia, que desta forma tornavam visível o seu estatuto social (FERREIRA, 1999). Depois da filoxera muitas casas foram abandonadas e nunca mais voltaram a ser habitadas, outras se mantiveram com pouca manutenção, e outras ainda, foram reformadas para melhorar as condições de conforto dos convidados (FERREIRA, 1999), como por exemplo, as casas de Quintas voltadas ao enoturismo. Segundo a autora, no século XX algumas casas já tinham ampliado sua estrutura, com laboratório próprio e escritório, para além da modernização que foi surgindo ao nível da produção como as cubas de vinificação de cimento ou aço inoxidável.

Apesar de não haver uma especificação rígida da estrutura de uma Quinta, normalmente esta é composta pela casa do proprietário e um conjunto de dependências de serviço que auxiliam a produção, indo desde as dependências destinadas aos trabalhadores, passando pelo lagar, adega, armazém, frásqueira (ou garrafeira) e abrigando espaços de cultos religiosos com capelas. Portanto, a estrutura é complexa e demanda um grande investimento que pode ser financiado

totalmente, ou em parte, pelas receitas advindas das atividades enoturísticas.

## **METODOLOGIA**

A pesquisa foi dividida em duas fases: a primeira constitui-se em uma pesquisa bibliográfica e documental, apresentada na primeira parte deste trabalho, e a segunda em uma pesquisa empírica qualitativa. A pesquisa bibliográfica e documental foi realizada em livros, artigos científicos, documentos e sites da internet que abordassem as questões temáticas relacionadas à Cultura, ao Turismo, ao Enoturismo e à Região Demarcada do Douro. A segunda etapa foi realizada através da coleta de dados primários baseados em entrevistas realizadas nos meses de janeiro e fevereiro de 2019 com os gestores das Quintas de enoturismo localizadas na Região Demarcada do Douro. No total, o estudo envolveu quatro Quintas, cujos representantes se dispuseram a participar das pesquisas.

A escolha pela técnica de entrevista teve como critério o fato de que as entrevistas são fundamentais quando se quer conhecer práticas, crenças e valores, “pois permitem ao pesquisador coletar indícios dos modos como cada um dos entrevistados percebe e significa sua realidade” (DUARTE, 2004).

Entre os atores do enoturismo, a nossa opção recaiu em tomar como objeto de estudo as Quintas. Esta nossa opção teve como embasamento o fato dessas construções constituírem parte vital do território duriense. Por isso, considerou-se que conhecer a percepção e representação das Quintas sobre as questões que envolvem a cultura e o

enoturismo da Região, pareceu fundamental, uma vez que suas ações têm influência direta sobre o modo de vida daquele território e sobre a organização do enoturismo.

A escolha pela técnica de entrevista teve como critério o fato de que as entrevistas são fundamentais quando se quer conhecer práticas, crenças e valores, “pois permitem ao pesquisador coletar indícios dos modos como cada um dos entrevistados percebe e significa sua realidade” (DUARTE, 2004).

Para a realização da entrevista foi utilizado um formulário com o intuito de coletar as informações necessárias para se responder ao objetivo proposto. A sua elaboração foi resultado de pesquisa bibliográfica e documental sobre o tema. O formulário foi construído considerando que seria uma orientação fundamental para a realização da pesquisa empírica, de modo que contemplasse as questões necessárias.

## **DISCUSSÃO DOS RESULTADOS**

As discussões sobre a cultura associada à produção vinícola e ao enoturismo originaram-se do entendimento do turismo do vinho como um nicho turístico, que se baseia no conhecimento das práticas culturais relacionadas à vinha e ao vinho. Com efeito, a discussão sobre o enoturismo na Região Demarcada do Douro não poderia se limitar ao enfoque mercadológico, uma vez que suas especificidades e o interesse despertado por este tipo de turismo advêm da sua ligação com a cultura do vinho e do interesse dos visitantes pelo patrimônio das regiões vinícolas e pelas tradições locais.

No Douro, o modo de vida das pessoas é o grande responsável pelas atividades da vinha e do vinho, e foi graças ao trabalho da gente duriense que hoje a região pode desenvolver o enoturismo, e, portanto, seria impraticável que essa forma de viver fosse excluída de todo o processo. Julgou-se assim primordial saber sobre a participação da comunidade nas Quintas, ou seja, se a mão-de-obra contratada seria local. Nessa questão todos os entrevistados informaram que empregam moradores da própria região em que estão estabelecidas as propriedades e que a contratação de pessoas de outras regiões ou de outros países só ocorre quando não há mão-de-obra local suficiente.

Mas, a participação comunitária não pode se restringir à oferta de empregos, uma vez que, o que de fato demonstra o envolvimento da sociedade é a participação nos processos decisórios que envolvem a cultura ligada ao vinho e ao turismo na Região. Esse envolvimento só ocorre se for acompanhado pelo Poder Público cujo papel é o de conduzir o enoturismo estando ciente de que esta atividade tanto pode enfraquecer como fortalecer a influência das comunidades locais nas decisões que afetam suas próprias vidas, e esse fortalecimento só será possível se estas populações puderem reivindicar mais autonomia através de uma participação ativa que depende, em grande parte, do apoio das instâncias oficiais.

A ligação entre a cultura, o vinho e o turismo na Região Demarcada do Douro, precisa ser reconhecida pelo Poder Público e intensificada nas Quintas de enoturismo, de forma que se desenvolvam projetos que contribuam para a preservação da cultura duriense, no contexto da vitivinicultura. Como um espaço de representações

socioculturais marcadas pelas relações entre proprietários, funcionários, comunidade e enoturistas, as Quintas da Região Demarcada do Douro dependem diretamente da valorização das tradições e das memórias coletivas para desenvolverem o enoturismo.

De acordo com os entrevistados, há um interesse por parte das Quintas em investir em projetos voltados à cultura local, mas, a condição que colocam seria a coparticipação do setor público. Esta posição é de consenso entre os sujeitos entrevistados, justificando que não teriam condições financeiras de desenvolver projetos por conta própria. Por isso, ratifica-se que a participação do setor público é vital na preservação e nas ações de incentivo à cultura ligada ao vinho e ao enoturismo. Na verdade, a tríade Poder Público, Iniciativa Privada (*Trade*) e Sociedade é essencial e imperativa para que o enoturismo se desenvolva de forma plena e satisfatória, pois, só com uma relação harmônica, os efeitos benéficos do enoturismo poderão ser potencializados e os impactos negativos minimizados ou, se possível, eliminados. Se as ações forem unilaterais, o resultado, desse isolamento e distanciamento entre esses três pilares, será insatisfatório para todos, com consequências negativas para a população de uma forma geral.

Uma mudança já é perceptível no que se refere à comunidade, pois, segundo os três respondentes, o enoturismo tem proporcionado uma maior oferta de opções culturais, contribuindo para minimizar a falta de alternativas culturais à disposição dos habitantes, pois o que tem ocorrido é um aumento na oferta de atrativos ligados à cultura local a serem usufruídos pelos durienses.

Os entrevistados afirmam que os principais interesses dos enoturistas são os de conhecer as atividades ligadas à vitivinicultura e ao patrimônio cultural ligado ao vinho, e que uma das grandes expectativas desses turistas é o de poder conversar e ter contato direto com o proprietário e sua família, o que para algumas Quintas é uma dificuldade, tendo em vista que, muitas vezes, esses estão ocupados ou até ausentes da propriedade, resolvendo questões administrativas. Ao serem questionados como buscam solucionar essa dificuldade, dois responderam que procuram estar presentes e disponíveis sempre que possível, indicando alguém da família para receber os visitantes e os outros dois explicaram que treinam seus funcionários para que recebam da melhor maneira possível os enoturistas e que transmitam o conhecimento sobre a Quinta, seus vinhos e suas histórias, procurando assim preencher essa lacuna que advém do interesse em conhecer as tradições, o patrimônio cultural material e imaterial durante essas visitas. O turista do vinho tem entre seus objetivos conhecer a história das famílias proprietárias e os modos de vidas dos moradores, uma vez que suas motivações não se restringem ao vinho, mas abrangem também o conhecimento das práticas culturais da região visitada.

Um dos grandes desafios enfrentados na atualidade é a turismofobia, um movimento contra a prática do turismo de massa que emana da população local indignada com as consequências negativas dessa forma de turismo. Nesse caso, mesmo considerando que o enoturismo não se configura como um turismo de massa buscou-se conhecer a opinião dos entrevistados sobre uma possível rejeição da população local ao enoturismo. Todos os entrevistados consideram que

não há rejeição e que na verdade o que há é o interesse da comunidade pelo enoturismo, uma vez que a atividade promove a geração de empregos, estimula a oferta de serviços e atrativos culturais, além de propiciar o resgate da autoestima, principalmente mostrando aos mais jovens a riqueza cultural da Região Demarcada do Douro.

Portanto, o enoturismo praticado nas Quintas da Região Demarcada do Douro constitui um importante aliado na articulação entre a cultura, o vinho e o turismo, já que suas bases estão estabelecidas em torno de atividades ligadas aos modos de vida da região, e atua como forte impulsionador da geração de emprego, da proliferação de novos negócios em torno do patrimônio local, como a gastronomia e o artesanato.

Mesmo diante desse cenário favorável à preservação do patrimônio cultural, a projeção é de crescimento constante do enoturismo, e por isso é fundamental que seja organizado, de modo a evitar que se torne um turismo massificado, é importante estar atento para que a cultura local não fique exclusivamente a serviço do turismo, pois como adverte Pérez (2009), o patrimônio cultural visto em função dos interesses mercantis e explorado com esse objetivo, pode incorrer na criação de artificialidades e afetar de forma prejudicial às identidades locais.

A este respeito fica evidente a importância da visão dos gestores das Quintas em relação à cultura, de modo a não terem uma visão meramente instrumental. Por isso ao serem questionados, todos os respondentes expressaram sua preocupação com a preservação da cultura da região independentemente do enoturismo, uma vez que, para

três respondentes, a sua ligação com o modo de vida local vem das gerações anteriores devido à ligação afetiva com o vinho como parte integrante das relações familiares. Um dos respondentes ainda destacou que a preocupação com as tradições durienses existe muito antes do investimento no enoturismo, mas que os recursos gerados pela atividade turística se tornaram um facilitador na manutenção e revitalização das Quintas que exigem um investimento considerável.

Em resumo, prevalece a preocupação legítima, ou seja, não instrumental da cultura por parte dos entrevistados e a compreensão de que o enoturismo pode ser um grande aliado na conservação das propriedades e no investimento em melhorias, além do turismo propiciar mais condições para o desenvolvimento da Região Demarcada do Douro de forma ordenada, protegendo o patrimônio duriense e resgatando tradições relegadas a um segundo plano.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O estudo teve como objetivo principal discutir a articulação entre o turismo e a cultura, na Região Demarcada do Douro, com enfoque sobre o papel das Quintas na compreensão do fenômeno do enoturismo que ocorre no território duriense. Considera-se que a administração das Quintas no panorama turístico não deve se restringir ao uso instrumental da cultura, pois se faz necessário considerar outros fatores que resguardem a identidade da região. Uma visão puramente mercantilista dessas propriedades como meros alojamentos turísticos, poderia levar a um processo de autofagia com consequências desastrosas a médio e longo prazo, uma vez que, na ânsia desenfreada



por transformar as Quintas em locais meramente turísticos, acabar-se-ia perdendo as identidades regionais, ofertando produtos massificados e indistintos. Essa massificação poderia levar a uma “fuga” dos turistas que buscavam em suas viagens aquilo que se tornou raro no turismo, e nos setores econômicos mundiais em geral, ou seja, a diferenciação, que reflete os modos de vidas locais. A gestão do enoturismo no Douro deve ter como um de seus pilares as dimensões culturais e rurais, uma vez que essas propriedades constituem um acervo de imenso valor, e não nos referimos apenas aos prédios, aos instrumentos e às ferramentas, mas também à história das famílias proprietárias e das comunidades durienses. Por outro lado, tem-se a visão que a manutenção de uma casa de Quinta demanda um investimento alto e o enoturismo constitui um aliado importante na geração de renda para a preservação dos patrimônios material e imaterial dessas propriedades. É neste contexto que discutimos o papel das Quintas como protagonistas do enoturismo na Região do Douro, uma vez que suas ações têm influência direta sobre o modo de vida daquele território e sobre a organização do enoturismo. Podemos afirmar que enquanto o vinho é o protagonista do enoturismo, a Quinta é a protagonista da Região Demarcada do Douro.

A análise realizada mostra que, no Douro, a ligação dos gestores com a cultura ultrapassa o interesse econômico, pois estes se relacionam com a cultura de uma forma afetiva e veem o patrimônio cultural duriense como uma extensão de seus laços familiares. Para os entrevistados, o enoturismo, por estar intimamente conectado à vitivinicultura, que é uma expressão cultural da região, contribui para a

manutenção das Quintas através dos recursos gerados com as atividades turísticas e contribui para a permanência dos moradores em suas regiões ao possibilitar um incremento na oferta de empregos e na geração de renda, ao mostrar o interesse dos visitantes pelas práticas regionais. Diferente de outros tipos de turismo que, por não terem relação direta com as práticas locais, acabam fazendo com que os habitantes mudem de atividades profissionais, o enoturismo realizado no Douro fomenta as formas de trabalhos típicos da região, promovendo o desenvolvimento sem a descaracterização local.

Assim, com base nas análises realizadas pôde-se perceber que na Região Demarcada do Douro, o enoturismo assume um papel importante no desenvolvimento regional e na criação de empregos, corroborando com as ideias de Costa e Kastenholz (2009), pois as práticas do meio rural e a própria paisagem passam a ser valorizadas (Tulik, 2003), levando à fixação do homem no campo, dando oportunidades de formação profissional e de emprego aos jovens, com a conseqüente redução do abandono das áreas rurais.

No caso da Região Demarcada do Douro, as Quintas em estudo tiveram de adequar suas estruturas para desenvolverem as atividades de enoturismo. Pelo fato de essas Quintas serem muito antigas, as estruturas não foram construídas especificamente para o enoturismo. As adaptações das estruturas das quintas do Douro, ao mesmo tempo em que podem ser um empecilho, exigindo investimentos em reformas para o atendimento dos visitantes, tornam-se um diferencial por apresentarem construções típicas da região, contribuindo para a valorização do patrimônio cultural. De fato, as Quintas estudadas

possuem, em sua maioria, uma ambientação tradicional constituída por móveis e objetos de decoração herdados pelas famílias responsáveis pelas propriedades.

A este respeito fica evidente estudo que a relação do entrevistado com a Região Demarcada do Douro tem relação direta com sua visão da cultura, especificamente no que se refere à preservação do patrimônio e com a visão não instrumental da cultura, podemos assim entender que os proprietários das Quintas pesquisadas veem o enoturismo a serviço da cultura, o que demonstra uma tendência de preservação das práticas culturais.

## REFERÊNCIAS

- ASERO, V.; PATTI, S **From wine production to wine tourism experience: the case of Italy.** Aawe Working Paper. nº. 52. (2009).
- BARRETO, A.; PONTES, J. **As horas do Douro.** Documentário em DVD. Portugal. 2010.
- BOTELHO, J. **Viagem ao coração do Douro.** Documentário em DVD, Portugal. 2003
- CAUBRIÈRE, C. D.; GÓMEZ, M. T. R. **El vino: La vitalidad de un tema literario recurrente.** In GÓMEZ, M.T.R (org.). **En torno al vino estudios pluridisciplinares, Proyecto de investigación ón análisis del discurso del vino.** Universidad de Valladolid. 2010.
- COSTA. A.; KASTENHOLZ, E. **O enoturismo como fator de desenvolvimento das regiões mais desfavorecidas. Atas do 2º Congresso Lusófono de Ciência Regional em conjugação com o 1º Congresso de Ciência Regional de Cabo Verde, com o 15º Congresso da Associação Portuguesa de Desenvolvimento Regional e com o 3º Congresso de Gestão e Conservação da Natureza.** Cabo Verde. 2009
- DUARTE, R. **Entrevistas em pesquisas qualitativas. Revista educar.** Curitiba: editora UFPR. v. 24, p. 213-225, 2004
- FERREIRA, N.M.F.C. **Quintas do Douro: as arquitecturas do vinho do Porto.** Porto: Flup, 1999.
- GETZ, D. **Explore wine tourism: management, development & destinations.** New York: Cognizant Communication Corporation, 2000.
- HAESBAERT, R. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.
- INÁCIO, A. I.; CAVACO, C. **Enoturismo em Portugal: forma de desenvolvimento regional e afirmação local. Revista turismo e desenvolvimento,** Portugal, 2010.
- PDTV (s/d). **Plano de Desenvolvimento Turístico do Vale do Douro 2007 a 2013.** Disponível em: [http://www.ccdr-n.pt/sites/default/files/ficheiros\\_ccdrn/missaodouro/pdtvd\\_2007\\_2013.pdf](http://www.ccdr-n.pt/sites/default/files/ficheiros_ccdrn/missaodouro/pdtvd_2007_2013.pdf). Acesso em 10 jan 2020.
- PEREIRA, G. **Por um Arquivo Histórico do Vinho do Porto.** In **Actas do Seminário. Os Arquivos do Vinho em Gaia e Porto.** 2002
- PÉREZ, X. P. **Turismo cultural: uma visão antropológica.** Tenerife: Aca y Pasos, RTPC, 2009.

PINHO, M.C.G.O.A. Casas de quinta no Douro – proposta para um manual de intervenção. **Dissertação mestrado em engenharia civil.** Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto. Porto, 2012.

PIVOT, B. **Dicionário Sentimental do Vinho. Alfragide:** Casa das Letras. 2007.

RODRIGUES, J.; PÉREZ, X. C. V. **Arte de cister em Portugal e Galiza.** Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 1998.

TULIK, O. **Turismo rural. Coleção abc do turismo.** São Paulo: Aleph, 2003.

WILLIAMS, P.; KELLY, J. Cultural wine tourists: product development considerations for british columbia's resident wine tourism Market. **International journal of wine marketing**, Vol.13 (3), pp.59-77, 2001.